

A NOITE COROADA DE ROSAS E DE MIRTOS

SIDNEY NETTO

A Adonias Lima e ao espírito imortal do meu bondoso Mário da Silveira, o super-homem que me ajudou a sonhar, aquêle que tombou quase como num dos versos eternos do seu primeiro “Canto da Beleza Nova”, que era a sua última beleza e a beleza maior — “com o joelho em terra, a face aberta, o ombro pendido”, — todos os mirtos do horto da minha via dolorosa, e tôdas as rosas místicas do meu último lavor.

Castas estrêlas

SHAKESPEARE

(*Otelo*)

*Sob o casto esplendor do teu manto lutuoso,
Todo cheio de sóis, no infinito a fulgir,
Eu contemplo, de pé, louco de orgulho e gôzo,
Como um rei vitorioso,
O teu reino de Ofir!*

*E mudo, a contemplar teu zimbório sidéreo,
Uma angústia infinita, em meu mundo interior,
Ao contacto febril do teu perfume etéreo,
Logo vem recordar, morto, no cemitério,
O meu primeiro amor!*

*Morto, desabrochando em versos de tortura,
Sôbre a gleba cruel, onde sofro e onde amei!
Por que não fica, então, sempre na sepultura
Esse arauto feral de horrenda catadura?!
Ninguém sabe, não sei! . . .*

*E, em êxtase, sondando o teu imenso estelário,
Triste interrogo ansioso a êsses mundos do além,
O caminho do Ideal, no meu mudo cenário,
E nôvo Cristo nu, arrasto ao meu Calvário
Pesada, imensa Cruz, não responde ninguém! . . .*

*Erra, em tórno de tudo, a saudade sem termo!
Avulta o meu tormento e ponho-me a chorar!
O horror da noite vem todo o meu sonho enfêrmo
Denegrir inda mais, a êste meu profundo êrmo,
Que é minha dor, não tem par!*

*E nisto, à proporção que aos meus olhos ascende
Mais no côncavo eterno o seu manto sem fim,
Parece até, meu Deus, que a minha dor compreende
E linda e piedosa estende
O Escorpião de ouro e fogo sôbre mim! . . .*

*E ascende Aldebarã, Saturno, a Lira e Vênus,
E o áureo império dos céus, sôbre mim todo cheio.
Do cortejo triunfal dêsses astros serenos,
Me faz estremecer num íntimo receio,
Sentindo um como vago indefinido enleio
Dêsses deuses helenos! . . .*

*Sinfonia de Shelley, os meus ouvidos te ouvem!
Na alma roxa da noite há uma ressurreição.
É Mozart! É Chopin! Verdi! É Wagner! Beethoven!
Que êsses gênios ideais para sempre te louvem,
Não seja o sonho vão! . . .*

*Chopin geme na bruma um noturno divino!
Verdi está dedilhando a Marcha Triunfal
Da Aída! Paganini, o mágico violino
Acorda! E agora, a noite negra é tôda um hino
Celestial! . . .*

*Tem carícias de mãe e cicios de amante,
A brisa, ao perpassar, no que então reviveu!
Cerro o olhar em torpor, tenho o sono de Dante,
O sono em que uma vez, num caminho distante,
O poeta se perdeu! . . .*

*E assim, tonto de sono, exausto de cansaço,
Desejo repousar (e o meu desejo é um bem!),
Mas nisto, surge à frente um vulto, passo a passo,
Procurando aninhar, na alva curva do braço,
A cabeça de alguém! . . .*

*É o meu delírio! É a febre! E o sangue, em fogo estuante,
Faz, enfim, reviver a minha antiga fé!
(E aparece a dançar em seus véus, ofegante,
A trágica princesa, a cabeça do amante
Aos beijos, Salomé! . . .)*

*É mesmo Salomé, a esplêndida princesa,
Ondeando os sete véus, como uma névoa, no ar!
É o mesmo antigo encanto e é a mesma beleza,
Tem as linhas senhoris da oriental realeza,
Seu colo ebúrneo, a arfar! . . .*

*Ela, última visão da imagem dolorida,
Que andara envenenando o mais perfeito amor,
E envenenara assim tôda essa hórrida vida,
Como o pressago fulgor de uma rosa esmarrida,
De um esquisito olor! . . .*

*É a perpétua visão do meu sonho endimiônico,
A esponja de vinagre e o cálice de fel,
Que sorve a todo instante o coração agônico,
Como outrora Allan Poe, no seu reino plutônico,
O falerno cruel! . . .*

*Noite! Foi em teu seio imenso e misterioso,
No indizível horror de mágoa sem rival,
Sem na terra encontrar uma esperança, um pouso,
Que êle, triste, pensou, o horrendo, o tenebroso
Negro Corvo imortal! . . .*

*Noite! Musa pagã dos artistas perfeitos!
Origem
Dos mártires da idéia! Os teus poetas eleitos
Vão em marcha triunfante aos seus últimos leitos,
Sentindo a sensação da suprema vertigem! . . .*

*Quando eu sinto Platão no brilho dos teus astros,
No sereno esplendor de uma constelação
(Ó alma vertiginosa, onde as velas e os mastros
Da nau desarvorada?!), anda tudo de rastros,
Ninguém sente Platão! . . .*

*O homem guerreiro vai pela terra (tamanha
É a ilusão de ser forte!)
Numa luta brutal para uma glória estranha,
E volta triste e só da encosta da montanha
Volta e encontra sòmente um consôlo na morte! . . .*

*Não sente o homem que há, no áureo império celeste,
A doutrina perfeita, onde o amor e o perdão,
Como uma hóstia do céu de bondade reveste
A roupagem sutil que acaso reste
Ainda a sonho de Endimião?!*

*E dizem até que as próprias feras,
Pelas sombras noturnas,
Agachadas, das luras fitam as esferas,
E uivam de amor nas furnas,
E o uivo horrível semelha a explosão das crateras! ..*

*Parece comover, enfim, as feras tôdas,
Das estrêlas a voz tão casta ao suave olor
Do céu (que hoje está como uma noite de bodas! . . .)
Ah! Não sei se uivam de ódio ou se gemem de amor! ..*

*Sei que entre as feras más e os homens todos, eu
Desejo as feras?! . . . Eu sou o louco sonhador?! . . .
O rude Prometeu,
Se atro furor sacode-o,
Eu sempre saberei quando êle ruge de ódio?
Não saberá ninguém quando êle é todo amor? . . .*

.....
*Mas o sono passou . . . De áureo brilho fulgente,
A estrêla da manhã com o seu diadema a arder,
Flor de chama que um dia os Magos do Oriente
Embalou através do deserto dormente . . .*

Era a última flor do céu a florescer! . . .